

SLIM, H. e FAUQUÉ, N. *La Tunisie Antique: de Hannibal à Saint Augustin*. Paris: Éditions Mengès, 2001, cap. 1, pp. 14-17.

[Texto traduzido livremente por Regina H. Rezende]

### Cap. 1 : O país e os homens através da longa noite dos tempos pré-históricos

Solidamente ancorada no continente africano, berço da humanidade, a Tunísia situa-se no ponto de encontro entre duas bacias, oriental e ocidental, do Mediterrâneo. Dessa maneira, ela sempre foi uma região de encontro entre dois mundos e duas culturas: o longo caminho histórico que ela percorreu foi guiado por mudanças e heranças.

Organicamente ligada à pré-história africana, a pré-história da Tunísia tem início nas origens do homem. Sua presença é atestada há dois milhões de anos e remonta ao início da era quaternária, como mostram os seixos talhados descobertos misturados à ossadas de tigres dente-de-sabre e de elefantes gigantes no extremo sul da Tunísia, próximo a Kébili. Outros traços, tão antigos quanto esses, também foram encontrados na Tunísia central.

Os vestígios da civilização acheulense, com seus bifaces característicos, foram descobertos em diversas regiões da Tunísia, e principalmente em Sidi Zin, próximo à Kef, onde foi identificada a presença de diversas espécies animais, tais como elefantes, rinocerontes, zebras, gazelas e antílopes, o que implica na existência de um clima tropical quente e úmido.

Mas a jazida mais interessante, no estágio atual do conhecimento, permanece sendo o de El Guettar, próximo à Gafsa, onde foi desobstruído, a 8 metros de profundidade, um agrupamento cônico organizado na borda de uma fonte de fósseis. Esse depósito formado por contas esféricas, com mais de quatro mil sílex talhadas e ossos de animais, a princípio estava imerso. Os historiadores da pré-história consideram esse “hermaion” do paleolítico médio como o edifício religioso mais antigo do mundo. Ele remonta há mais de quarenta mil anos a.C. Outras jazidas mais recentes, como aquela de Oued el Akarit, próximo à Gabès, também deixaram material interessante em abundância.

Todavia, é a civilização capsense, que floresceu na região do Maghreb oriental e central a partir de Gafsa, que chama mais a atenção dos historiadores. Ela parece ter existido entre 7000 e 4500 a.C e seu depósito mais representativo é

aquele de El Mekta, próximo a Gafsa. Ele contém os vestígios ou *ramadia* característico do capsense, formado por um tipo de montículo artificial com uma dezena de metros de altura, algumas dezenas de metros de comprimento e cinquenta metros de largura. Tais montículos são formados pela colocação de acampamentos antigos e pela contínua acumulação de cinzas, ferramentas diversas (raspadores, buris, lâminas e lamelas de sílex), ossadas e sobretudo conchas de lesmas, que parece que o homem do capsense consumia em grande quantidade. Mas esse homem chama a atenção sobretudo pelo despertar de sua sensibilidade artística, como testemunham as obras de arte recolhidas nesse depósito. A mais representativa delas é uma estatueta esculpida representando uma cabeça feminina esboçada com dificuldade, mas cuja cabeleira enquadra a testa e os dois lados do rosto.

O neolítico, ou idade da pedra polida, se inicia um pouco tardiamente na Tunísia e abrange cerca de cinco mil anos. As tradições locais, capsense e ibero-maurusias, e as contribuições exteriores, mediterrâneas, se unem para dar ao país um novo rosto e, ao lado das formas evoluídas do cápsio, aparecem ferramentas em pedra polida e cerâmicas.

A maior mudança ocorrida no Período Neolítico é a seca do Saara, que se transforma em um deserto apesar de até esse período ter sua área percorrida por grandes cursos de água temporários e apresentando o aspecto de uma vasta estepe. A África do Norte se vê assim separada do resto do continente e certas espécies animais que vivem nessa região desde então sobrevivem em estado residual ou desaparecem da paisagem, como o hipopótamo e o rinoceronte. Por outro lado, os animais domésticos, como o carneiro, o cachorro e o cavalo, surgem nesse contexto.

As interrogações que o povoamento primitivo da Tunísia suscita estão intimamente ligadas àquelas sobre a origem dos Berberes que constituem a essência da população tunisiana. Bastante controversa, esta questão deu lugar às sugestões mais improváveis ao longo do tempo. Gabriel Camps, um grande especialista nessa área, resume a situação nos seguintes termos: “Desse modo, foram evocados, como local de origem dos Berberes, um de cada vez, o Oriente Próximo, mais globalmente o país de Canaã, o Yémen, a Trácia, a Ásia Menor, as ilhas do mar Egeu, mas também a Europa do Norte, a península Ibérica, as ilhas do Tirreno e a Itália peninsular... Na maioria das vezes é mais difícil procurar o país de

onde os Berberes não vêm!” Contudo, o desenvolvimento da pesquisa pré-histórica e antropológica permitiu que o problema fosse colocado com um certo rigor científico. Admite-se atualmente que existiu originalmente um primeiro tipo humano, um *homo sapiens* “antigo”, o homem ibero-maurúcio de Mechta El Arbi, de estatura grande, 1,74m na média. Este homem desaparece pouco a pouco frente a uma nova raça de homens proto-mediterrâneos, inteiramente análogos às populações mediterrâneas atuais, que aparecem no VIIIº milênio e são os ancestrais da civilização capsense. Eles se relacionam também com os Proto-Mediterrânicos que os precederam pouco antes no Oriente assim como diversos grupos europeus. Sem excluir as trocas entre a África do Norte e a Europa, Gabriel Camps afirma que é o Oriente que atua no papel principal da história das origens dos Berberes, cuja língua pertence ao grupo chamito-semítico do Oriente Próximo. O nome de Berberes, ou “bárbaros”, foi atribuído à eles em primeiro lugar pelos Gregos e Romanos, que chamavam dessa maneira todos os povos exteriores à sua civilização. Seu verdadeiro nome vem da raiz MZG ou MZK, que resultou a transcrição latina Mazices e o termo aceito atualmente de Amazigh.

As relações da Tunísia com o Oriente parecem ter sido importantes desde os tempos pré-históricos e sobretudo a partir do VIIIº milênio. Dela vieram as primeiras plantas cultivadas e os primeiros animais, segundo Gabriel Camps, mas eles não chegaram sozinhos: “eles estavam acompanhados de pequenos grupos de homens”.

Mas se admite que desde essa época os contatos foram estabelecidos igualmente com as ilhas da bacia ocidental do Mediterrâneo. A presença da obsidiana, rocha vulcânica totalmente inexistente nas formações geológicas da Tunísia, nos sítios neolíticos de Bechateur (região de Bizerte), Korba (Cab Bom), Hergla (Sousse), Kef Hamda (região de Mactar) e Sebket el Maleh (região de Zarzis) comprova a existência de trocas.

Todavia, é em direção ao Oriente que a Tunísia vai entrar com os dois pés na história. De fato, é no final do IIº milênio a.C. que a presença oriental se afirma com força, com a criação de uma primeira colônia fenícia no Ocidente.